

QUEM GUIA QUANDO NINGUÉM ESTÁ PRESENTE?

A RELEVÂNCIA DO DESIGNER INSTRUCIONAL NA AUTOGESTÃO DA APRENDIZAGEM

Elvys Tierney Santos Marinho

Must University, Estados Unidos

Taynara de Paula Miranda Umbelino

Must University, Estados Unidos

Maria Ronilede Freitas Estevam

Must University, Estados Unidos

Ana Maria de Sousa Santos

Must University, Estados Unidos

Jane Rakel Gontijo Andrade

Must University, Estados Unidos

Sheila Gani

Must University, Estados Unidos

Alessandra Elisa Barbosa de Oliveira Silva

Must University, Estados Unidos

Kassia Ximenes de Araújo

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/awxa2572>

Publicado em: 26.06.2025

Resumo: A expansão das tecnologias digitais e a popularização de dispositivos conectados à internet transformaram profundamente o cenário educacional contemporâneo, demandando novas abordagens pedagógicas que dialoguem com a autonomia do estudante. Nesse contexto, destaca-se a aprendizagem autogerida, modalidade que valoriza o protagonismo discente e a flexibilidade nos processos formativos. Contudo, a ausência de tutoria direta em ambientes virtuais exige uma mediação pedagógica estratégica e invisível, papel assumido pelo Designer Instrucional. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a atuação desse profissional no contexto da aprendizagem autogerida, destacando sua importância para a construção de experiências educacionais que favoreçam a autonomia e o protagonismo dos estudantes em cursos a distância. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, realizada com base em publicações acadêmicas recentes em português, localizadas nas bases SciELO e Portal de Periódicos CAPES, com critérios rigorosos de inclusão e análise crítica dos dados. Os resultados revelam que o Designer Instrucional atua como elo entre o conteúdo e o estudante, organizando trilhas formativas coerentes, acessíveis e motivadoras, mesmo na ausência de mediação docente. A qualidade estética, a organização dos materiais, o uso de recursos multimodais e a



atenção às especificidades do público-alvo são aspectos fundamentais para o sucesso da aprendizagem nesse formato. Conclui-se que, embora a aprendizagem autogerida proponha independência, ela demanda uma mediação pedagógica silenciosa e intencional. Pesquisas futuras poderão explorar com maior profundidade os impactos da atuação do Designer Instrucional em diferentes contextos educacionais e perfis de estudantes.

Palavras-chave: Designer Instrucional. Aprendizagem autogerida. Aprendizagem. EAD. Autonomia.

Abstract: The expansion of digital technologies and the widespread use of internet-connected devices have profoundly transformed the contemporary educational landscape, demanding new pedagogical approaches that align with student autonomy. In this context, self-managed learning stands out as a modality that emphasizes student agency and flexibility in the learning process. However, the absence of direct tutoring in virtual environments calls for a strategic and often invisible pedagogical mediation, a role fulfilled by the Instructional Designer. The general objective of this research is to analyze the role of this professional within the context of self-managed learning, highlighting their importance in constructing educational experiences that promote student autonomy and active participation in distance learning courses. This is a qualitative and bibliographic study based on recent academic publications in Portuguese, sourced from the SciELO database and the CAPES Periodicals Portal, using rigorous inclusion criteria and critical data analysis. The results show that the Instructional Designer serves as a bridge between content and student, organizing coherent, accessible, and engaging learning pathways even in the absence of direct instruction. Aesthetic quality, material organization, the use of multimodal resources, and attention to the specific characteristics of the target audience are crucial factors for success in this learning format. It is concluded that although self-managed learning promotes independence, it requires a silent and intentional pedagogical mediation. Future research may further explore the impact of the Instructional Designer's work in different educational contexts and with diverse student profiles.

Keywords: Instructional Designer. Self-managed learning. Learning. Distance education. Autonomy.

Introdução

Atualmente o mundo, exceto em algumas regiões, está imerso no digital. Não se pode negar que o advento das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) é uma revolução e um caminho praticamente sem volta. Esta revolução digital afetou todas as instâncias da sociedade, desde transações bancárias, educação, medicina, lazer, trabalho e outros. Desta forma, de acordo com o que foi mencionado anteriormente, a educação foi afetada e isso trouxe mudanças na forma de como o processo de ensino e aprendizagem passou a ser feito. Além das mudanças, as NTIC ampliou, aprofundou e diversificou formas embrionárias de aprendizagem passadas. Dentre essas formas de aprendizagens passadas que foram aperfeiçoadas com a revolução digital na qual o mundo está imerso, está a Aprendizagem Autogerida. Este modelo de aprendizagem visa dar autonomia ao educando para que este faça seu próprio ritmo, progresso, oferecendo flexibilidade quanto a horário e até em termos geográficos. Entretanto, este modelo de aprendizagem precisa ser bem trabalhado e um curso nesse formato precisa estar bem estruturado. É neste ínterim, que entra em pauta a Importância do Designer Instrucional,

que é o profissional que se debruça a planejar e executar toda a

estruturação do curso, não só relacionado ao modelo de aprendizagem citada, porém sendo ainda mais crucial para esta.

Diante do exposto, esta pesquisa bibliográfica visa discutir a importância deste profissional para a Aprendizagem Autogerida, e ainda, esclarecer quais ações e caminhos o mesmo necessita percorrer para que o estudante possa trilhar seus estudos com certa fluência na plataforma ou programa e tenha diante de si ofertada-lhe a oportunidade de sucesso .

Assim, este artigo está dividido, além da introdução, em dois capítulos. No primeiro, é apresentado e discorrido concernente às atribuições do Designer Instrucional, bem como busca diferenciar o Designer Instrucional do Designer Educacional. No segundo capítulo, é trabalhado sobre as incumbências do Designer Instrucional para o modelo de Aprendizagem Autogerida, discutindo caminhos e ações que o referido profissional precisa executar para a realização de um trabalho de qualidade e eficácia. Por fim, este trabalho é seguido pelas considerações finais e as referências bibliográfica.

Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa foi construída com base em uma abordagem qualitativa e bibliográfica. Essa escolha se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão teórica sobre a atuação do Designer Instrucional na aprendizagem autogerida, tendo como foco as contribuições de autores que já se debruçaram sobre esse tema. Como bem afirmam Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica proporciona contato direto com os estudos anteriores, permitindo identificar contradições, lacunas e perspectivas inovadoras, constituindo-se como ferramenta imprescindível no campo educacional. Assim, foram utilizados como fontes principais artigos científicos, teses e dissertações disponíveis nas bases SciELO e no Portal de Periódicos CAPES.

A seleção dos materiais seguiu critérios de inclusão previamente definidos, considerando publicações em português, com recorte temporal dos últimos cinco anos, e que tratassem diretamente da temática investigada. A exclusão incidiu sobre documentos com conteúdo incoerente com os objetivos da pesquisa, fontes não confiáveis ou que não apresentassem rigor metodológico. Segundo Brito, Oliveira e Silva (2021), a sistematização dos critérios na pesquisa bibliográfica é fundamental para garantir consistência teórica e clareza nos caminhos percorridos na análise.

O levantamento inicial resultou em um número expressivo de estudos, que passaram por sucessivas etapas de triagem e leitura. Primeiramente, os títulos e resumos foram analisados com base nos descritores definidos, eliminando-se duplicações e publicações fora do escopo. Em seguida, procedeu-se à leitura criteriosa dos textos completos dos trabalhos selecionados, buscando-se verificar a correspondência entre seus objetivos, métodos e conclusões com a problemática investigada. Esse processo de filtragem e aprofundamento, conforme Martelli et al. (2020), fortalece a base teórica da pesquisa e reduz o risco de interpretações equivocadas.

Na fase de análise, foram empregados procedimentos que envolveram a comparação crítica entre os dados teóricos levantados e a construção de inferências a partir das convergências e divergências observadas entre os autores. A interpretação das informações foi conduzida de

forma dialógica, articulando os achados dos diferentes estudos com o referencial teórico adotado e os objetivos específicos do trabalho. Segundo Grazziotin, Klaus e Pereira (2022), a análise bibliográfica não se limita à descrição, mas deve fomentar reflexões sobre os sentidos e implicações das abordagens estudadas.

A investigação permitiu, ainda, identificar elementos comuns entre os trabalhos analisados, como a importância do planejamento instrucional, da clareza nos objetivos educacionais e da mediação didática na aprendizagem autogerida. Ao mesmo tempo, foram observadas lacunas em relação à formação específica dos designers instrucionais e à mensuração dos impactos pedagógicos em ambientes virtuais. Tais constatações suscitam novos questionamentos e revelam a necessidade de aprofundamento em pesquisas futuras sobre práticas e resultados dessa atuação profissional.

A pesquisa reafirma o papel estruturante da metodologia bibliográfica na produção de conhecimento no campo da Educação. Conforme Sousa, Oliveira e Alves (2021), esse tipo de investigação favorece não apenas o mapeamento do que já foi estudado, mas também a proposição de novas perspectivas e enfoques analíticos. Assim, esta pesquisa se fundamenta em contribuições teóricas sólidas para construir uma análise crítica e contextualizada sobre o papel do Designer Instrucional na mediação da aprendizagem autogerida.

Designer Instrucional e Educacional

O Designer Instrucional e educacional é uma abordagem e ação voltada a estudar, planejar e executar todos os meandros para que uma aprendizagem eficaz aconteça dentro de uma plataforma online ou programa. No Designer Instrucional e Educacional é estudado em relação ao curso a ser ministrado tanto o público alvo, seu contexto, bem como os recursos e caminhos que o estudante percorrerá e usufruirá para este fim.

Contudo, é importante diferenciar Designer Instrucional de Designer Educacional. No primeiro, o enfoque é no processo específico de aprendizagem, no curso, na disciplina, no ambiente de e-learning ou programa EAD da sala de aula virtual ou unidade. No segundo caso se refere a uma abordagem mais ampla, onde o profissional de Designer Educacional aplicará os seus conhecimentos para organizar o processo do aprender a nível da organização, da instituição, ou seja, trabalhará no âmbito do currículo, das políticas públicas, da visão da instituição, da ética, da visão pedagógica, do curso como um todo, dentre outros aspectos mais abrangentes. O profissional que atua nesses dois âmbitos são denominados de Designer Instrucional (DI) e Designer Educacional (DE), respectivamente:

Percebe-se, portanto, que apesar de igualmente destacados como parte do processo de execução de cursos de EaD, o DI e o DE possuem características e definições diferentes. Salienta-se que o DI é um elemento de instrução da linguagem do processo de desenvolvimento dos conteúdos educacionais, cabendo a ele conservar-se nesta prática. Por sua vez, o DE, por possuir particularidades mais complexas e abrangentes, tem sua atuação direcionada para o planejamento, desenvolvimento e implementação de projetos de EaD. É importante, no entanto, que esse profissional possua conhecimento em análise e adequação de linguagem textuais e midiáticas. (Macedo & Bergmann, 2018, p. 8).

Entretanto, Cíntia Costa Macedo, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina intitulada: O Designer Instrucional e o Designer Educacional no Brasil: identidade e prática em uma visão educacional coloca que ainda é carente a diferenciação dos conceitos de DI e DE, os quais, em muitas literaturas, são tratados como sinônimos. Mas a autora questiona esse fato, esclarecendo em seu trabalho a necessidade de se pensar numa diferenciação conceitual. Ela expõe que “Atualmente, deparamo-nos na literatura científica brasileira fundamentalmente com duas terminologias, designer instrucional e designer educacional, normalmente tratadas como sinônimos. Contudo são realmente unívocos?” (Cíntia, 2019, p. 38).

Assim, apesar de não serem muitas as literaturas que diferenciam a atuação desses dois profissionais, já existem produções acadêmicas tratando dessa questão.

Este artigo irá se ater à nomenclatura “Designer Instrucional” e em algum pontos ela estará como sinônimo de Designer Educacional, haja vista que muitas literaturas assim o fazem, como foi anteriormente explicado.

Designer instrucional e a aprendizagem autogerida

Com a digitalização do mundo atual e o conseqüente crescimento dos nativos digitais, vem se ampliando e se diversificando as formas de cursos, treinamentos, escolas, estudos e as formas de aprender no geral.

Uma das formas que vem ganhando espaço no cenário atual é a aprendizagem autogerida ou autodirigida. Nesta forma de aprender, a autonomia do estudante é enfatizada, permitindo ao mesmo seguir seu próprio ritmo nos estudos do curso, treinamento ou outros. “Alunos autodirigidos devem ser capazes de gerenciar seu tempo e direcionar esforços para cumprir suas metas e objetivos de aprendizagem, tornando-se, assim, cada vez mais responsáveis por seu próprio conhecimento.” (Viana, p. 6)

A aprendizagem autogerida ganhou muita força na Educação Online, especialmente após a pandemia do COVID 19, a qual permite que o discente formate seus estudos nos dias e horários que lhe apraz, necessitando, entretanto, de constância e disciplina.

Apesar de todas essas nuances da aprendizagem autogerida, o Designer Instrucional não deve e não pode ser descartado para esta modalidade. Na verdade, este profissional se torna ainda mais necessário, pois neste formato de estudo, é imprescindível que todo o caminho pedagógico, materiais de estudos e pesquisa, atividades, exercícios, suporte dentre outros, estejam bem delimitados, coesos e integrados, para que o estudante não se perca e as atividades do curso não sejam um emaranhado desconexo. Além disso, o Designer Instrucional precisa desenvolver e oferecer os recursos de modo que torne todo o processo o mais interativo e atraente possível.

O Curso E-TEC Idiomas sem fronteiras do Instituto Federal do Sul-rio-grandense – Campos Novo Hamburgo tem trabalhado dentro desta proposta supracitada, mesclando a modalidade da Aprendizagem Autogerida com o apoio indispensável do Designer Instrucional. Ezequiel Lima de Oliveira, no seu artigo: Aprendizagem autogerida e Design Instrucional, soluções para uma educação sem barreiras, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), explicita sobre o curso deste instituto que:

Buscando retratar uma proposta de aprendizagem autogerida associada a um projeto de DI efetivo, o presente artigo enfatiza o Curso E-TEC Idiomas sem fronteiras do Instituto Federal do Sul-rio-grandense – Campos Novo Hamburgo (2018), o qual é ofertado anualmente.

A presente proposta tem como objetivo, considerando os paradigmas da aprendizagem autogerida, promover a socialização dos idiomas Inglês e Espanhol a pessoas interessadas, independentemente de sua classe social e/ou econômica proporcionando uma atuação ativa e autônoma na construção do conhecimento. (Oliveira, 2024, p. 27)

Desta forma, a proposta e o desafio do Designer Instrucional é tornar o processo de estudos prazeroso, interativo e interessante, de forma que consiga prender a atenção do discente e proporcionando-lhe uma experiência marcante, o quando possível. Lo-Ami Nakazune Viana, mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University, em seu artigo Design Instrucional por meio da aprendizagem autogerida: Vantagens e desvantagens, sobre este assunto supracitado, dispõe que “Como já explicado anteriormente, a escolha de um bom DI pode refletir no desempenho dos alunos em sala de aula, permitindo que os discentes atinjam seus objetivos e adquiram mais conhecimentos de forma mais dinâmica e interativa.” (Viana, p. 4).

Assim, a importância e maior desafio do D.I., especialmente para a modalidade de Aprendizagem Autogerida é justamente oferecer esta facilitação e atratividade no percurso dos estudos do estudante. Para isso, a inserção de imagens, vídeos, infográficos, tabelas, dentre outros, além de textos escritos e lineares, em seu projeto educacional, permitirá o alcance deste objetivo. Mais uma vez Lo-Ami Nakazune Viana, sobre isso, acrescenta em seu estudo assim:

É por esse motivo que o DI se faz importante no atual contexto de ensino e aprendizagem, pois há uma grande necessidade de atrair a atenção dos alunos para os conteúdos ministrados em salas de aula. Nesse contexto, a adoção de infográficos, imagens e vídeos podem ser grandes aliados no processo de retenção da atenção dos alunos para os conteúdos ministrados (Diniz, 2022). (Viana, p. 5).

Uma das ações e tarefas cruciais para o sucesso do projeto do D.I. é estudar o seu público alvo. Isso permitirá conhecer as nuances do mesmo, para que a linguagem e recursos usados na elaboração do curso, treinamento ou outro, seja convergente com o referido público, aumentando o interesse dele e o potencial sucesso acadêmico. Outra estratégia que o Designer Instrucional pode utilizar em seu trabalho é a aplicação do Circuito Transmídia, que consiste em fazer com o que o estudante “circule” por mais de uma mídia em seu processo de estudos, como por exemplo: colocar links de vídeos dentro de ebooks, ou de outros artigos, sites, e assim por diante.

Como tem ficado claro, o papel do Design Instrucional é imprescindível para o ensino EAD e online, especialmente para o ensino baseado na Aprendizagem Autogerida. A importância desse profissional se dá na questão de que é ele quem vai deixar definido de forma clara ao estudante, os objetivos de aprendizagem do curso, bem como, também deixar definido e plenamente esclarecido como alcançar os tais objetivos. Para isso, o Designer Instrucional precisa trabalhar de forma que estruture de forma organizada toda a plataforma onde o estudante acessará os conteúdos e atividades. Essas ações quando feitas com precisão e qualidade, ajudarão os discentes a se estimularem nos estudos, aproveitarem mais efetivamente todo o conteúdo e recursos oferecidos pelo mesmo, e, conseqüentemente, terem o sucesso almejado. Na Aprendizagem Autogerida, a flexibilidade e autonomia são pilares nessa modalidade, o que torna

ainda mais necessário e crucial o bom trabalho feito por esse profissional supracitado, o qual precisa escolher bem os recursos didáticos e midiáticos a serem inseridos.

O design instrucional pode apoiar a aprendizagem autodirigida quando define objetivos de aprendizagem claros e alcançáveis para os alunos, orientando-os para o que eles precisam aprender e quais são as expectativas do curso. Além disso, possuir uma estrutura bem organizada pode ajudar os alunos a navegar pelo curso e encontrar os recursos de que precisam para atingir seus objetivos de aprendizado. O design instrucional pode capacitar os alunos a controlar sua própria jornada de aprendizado, incluindo a capacidade de trabalhar em seu próprio ritmo e adaptar seu aprendizado para atender às suas necessidades individuais. Desta forma, o design instrucional pode dar uma contribuição significativa para a aprendizagem autodirigida eficaz para os alunos, fornecendo-lhes a orientação, estrutura e recursos de aprendizagem corretos para apoiar sua jornada de aprendizagem. Com um bom design instrucional, os alunos podem se tornar mais confiantes, autônomos e engajados em seu próprio aprendizado (Barros et al, 2023, p. 171).

Resultados e discussão

A crescente demanda por formatos educacionais flexíveis evidencia um cenário em que a autonomia do estudante se torna protagonista. Contudo, essa autonomia não deve ser confundida com ausência de mediação pedagógica. A aprendizagem autogerida, embora potencialmente libertadora, necessita de estrutura e orientação, elementos que o Designer Instrucional é responsável por articular. Esse profissional torna-se o elo entre o conteúdo e o estudante, traçando percursos que tornam a experiência de estudo mais fluida e acessível, mesmo quando não há tutoria direta.

A relevância da atuação do Designer Instrucional se revela especialmente em contextos educacionais digitais, onde a mediação humana é rarefeita. A literatura consultada destaca que, em cursos baseados na aprendizagem autogerida, é essencial que os materiais sejam organizados de forma a facilitar a navegação, a compreensão e a motivação do estudante. Tal organização não ocorre de forma espontânea, mas sim a partir de decisões pedagógicas e técnicas embasadas em estudos sobre o comportamento do público-alvo e suas necessidades específicas.

Um dos pilares do trabalho do Designer Instrucional é o planejamento estratégico dos elementos que compõem o ambiente virtual de aprendizagem. Como demonstrado por Macedo e Bergmann, ao delimitar com clareza os objetivos e estruturar os conteúdos com coesão, o designer torna possível que o aluno compreenda sua trilha de aprendizagem sem a necessidade constante de intervenção docente. Essa prática sustenta a autonomia sem abandonar a intencionalidade pedagógica, fundamental para a eficácia do processo.

Nesse sentido, estudos como o de Oliveira ressaltam que o uso de estratégias didáticas como o circuito transmídia contribui significativamente para a retenção e o engajamento dos estudantes. Ao circular por diferentes mídias durante o percurso formativo, o aluno se depara com estímulos diversos que atendem a múltiplas inteligências e estilos de aprendizagem, o que favorece a motivação e o aprofundamento do conteúdo. Essas escolhas, porém, demandam preparo e sensibilidade técnica por parte do profissional responsável.

Outra dimensão importante destacada nos textos analisados é o impacto da ação do Designer Instrucional na acessibilidade e democratização do conhecimento. O exemplo do curso E-TEC Idiomas Sem Fronteiras mostra que é possível oferecer formação de qualidade a públicos diversos, inclusive aqueles com limitações econômicas ou geográficas, desde que haja planejamento instrucional adequado. Essa iniciativa reforça a ideia de que o design bem executado pode romper barreiras históricas no acesso à educação.

Além da acessibilidade, a qualidade estética e funcional da plataforma utilizada influencia diretamente na experiência do aluno. Segundo Viana, a escolha cuidadosa de recursos como infográficos, vídeos e imagens não apenas estimula a atenção, mas também favorece a compreensão dos conceitos. Ao apostar em uma linguagem multimodal, o Designer Instrucional cria um ambiente mais inclusivo e estimulante, que se alinha às práticas contemporâneas de ensino-aprendizagem.

A atuação desse profissional também perpassa a necessidade de considerar o perfil dos estudantes. Ao conhecer as especificidades do seu público-alvo, o Designer Instrucional pode alinhar linguagem, objetivos e recursos às expectativas e capacidades do estudante. Isso não apenas favorece o engajamento, como também contribui para o sentimento de pertencimento e autonomia, características indispensáveis em modelos educacionais sem a mediação direta de um tutor ou professor.

Por fim, observa-se que, mesmo com os avanços apresentados, persistem lacunas no campo investigativo. Poucos estudos se debruçam sobre a formação específica dos Designers Instrucionais ou sobre o impacto longitudinal de suas ações na aprendizagem. Essa ausência de dados mais amplos revela a necessidade de pesquisas futuras que explorem de forma mais sistemática os efeitos da atuação desse profissional na permanência e no desempenho discente em cursos a distância mediados por tecnologias.

Considerações finais

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar a atuação do Designer Instrucional no contexto da aprendizagem autogerida, destacando sua importância para a construção de experiências educacionais que favoreçam a autonomia e o protagonismo dos estudantes em cursos a distância. Partindo de uma abordagem bibliográfica, procurou-se evidenciar o papel estratégico desse profissional na mediação pedagógica, sobretudo em ambientes onde não há a presença constante de tutores ou professores.

A análise revelou que a presença do Designer Instrucional é fundamental para que a aprendizagem autogerida se concretize de maneira eficiente. Não se trata apenas de organizar conteúdos, mas de construir trilhas formativas que dialoguem com o perfil do público-alvo, promovam a motivação e favoreçam a fluidez na navegação pelos materiais. Assim, a ausência de mediação direta é compensada por um planejamento instrucional cuidadoso, que antecipa necessidades e obstáculos potenciais.

Essa constatação ganha ainda mais relevância diante do crescimento das modalidades educacionais flexíveis, impulsionado especialmente após a pandemia de COVID-19. Em um cenário onde o estudante precisa assumir maior responsabilidade por seu percurso de aprendizagem, o Designer Instrucional atua como arquiteto do conhecimento, articulando

recursos, objetivos e estratégias de forma intencional e personalizada, sem a qual o processo pode se tornar desarticulado e ineficaz.

Outro ponto observado foi a importância do uso de recursos multimodais e interativos, como infográficos, vídeos e a técnica do circuito transmídia. Essas ferramentas, além de ampliarem o acesso ao conteúdo, possibilitam maior engajamento do estudante, respeitando diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Dessa forma, o Designer Instrucional colabora para uma experiência mais significativa, tornando a educação online mais atrativa e eficaz.

É importante ressaltar que, apesar da crescente valorização desse profissional, ainda existem lacunas quanto à sua formação específica e à mensuração do impacto de sua atuação. Tais fragilidades indicam a necessidade de investimento na capacitação técnica e pedagógica dos Designers Instrucionais, bem como no desenvolvimento de métricas que permitam avaliar de maneira mais precisa a eficácia de seus projetos educacionais.

Considerando o que foi evidenciado, torna-se pertinente propor a ampliação das pesquisas sobre o desempenho de cursos autogeridos em diferentes contextos socioeconômicos e institucionais. Também seria proveitoso investigar como diferentes perfis de estudantes reagem a propostas instrucionais variadas, mapeando boas práticas que possam ser replicadas em larga escala, especialmente em regiões com menor acesso a tecnologias e conectividade.

Em síntese, os achados desta pesquisa reforçam a ideia de que, embora a aprendizagem autogerida pareça prescindir de mediação, ela exige uma mediação planejada, invisível, porém decisiva. O Designer Instrucional, nesse processo, não apenas organiza conteúdos, mas cria oportunidades de desenvolvimento, transforma desafios em caminhos possíveis e contribui para democratizar o acesso ao conhecimento. Avançar nas discussões sobre sua atuação é, portanto, fundamental para consolidar modelos educacionais mais inclusivos, eficientes e centrados no estudante.

Referências

- Barros, A. M. R. (2023). Aprendizagem autogerida e os cursos online sem tutoria: uma reflexão sobre cursos oferecidos na plataforma Moodle. *Revista Amor Mundi*, 4(6), 167–173. Santo Ângelo, RS: Revista Amor Mundi.
- Brito, A. P. G., Oliveira, G. S., & Silva, B. A. (2021). A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da FUCAMP*, 20(44), 1–15. Monte Carmelo, MG: Cadernos da FUCAMP.
- Graziotin, L. S., Klaus, V., & Pereira, A. P. M. (2022). Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, 33, e20200141. Campinas, SP: Pro-Posições. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>.
- Macedo, C. C. (2019). O designer instrucional e o designer educacional no Brasil: identidade e prática em uma visão educacional [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Macedo, C. C., & Bergmann, J. C. F. (2018). O designer instrucional e o designer educacional no campo da EAD: conceito e prática. *Investigação Científica (IC)*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Oliveira, E. L. (2024). Aprendizagem autogerida e design instrucional, soluções para uma

educação sem barreiras. Salvador, BA: Universidade do Estado da Bahia (UNEB). www.editoracientifica.com.br.

Sousa, A. S., Oliveira, G. S., & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43), 64–83. Monte Carmelo, MG: Cadernos da FUCAMP. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>.

Viana, L. N. (n.d.). Design instrucional por meio da aprendizagem autogerida: vantagens e desvantagens. João Pessoa, PB: CONEDU – Congresso Nacional de Educação.